

tornou-se vazio e capaz de perceber. Estar iluminado significa “o completo despertar da personalidade total diante da realidade.”

É muito importante compreender que o estado de iluminação não é um estado de dissociação ou de transe no qual o indivíduo *acredita* que está desperto, quando na verdade está profundamente adormecido. O psicólogo ocidental, naturalmente, terá uma tendência a acreditar que *satori* [a iluminação] é apenas um estado subjetivo, e mesmo um psicólogo tão simpático em relação ao Zen quanto o dr. [Carl] Jung não consegue evitar o mesmo erro. Jung escreve: “A própria imaginação é uma ocorrência psíquica, e portanto, não faz diferença alguma se uma iluminação é qualificada de real ou imaginária. O homem que tem a iluminação, ou alega que a tem, pensa em qualquer caso que é iluminado (.....) Mesmo que ele estivesse mentindo, a sua mentira seria um fato espiritual.” [1]

Isso faz parte, é claro, da posição geral de relativismo adotada por Jung em relação à “verdade” da experiência religiosa. Ao contrário dele, eu acredito que uma mentira nunca é “um fato espiritual”, nem qualquer outro fato, na verdade, exceto o fato de ser uma mentira. Mas, de qualquer modo, a posição de Jung certamente não é compartilhada pelos zen budistas. Bem pelo contrário. Para eles é de crucial importância saber a diferença entre a experiência autêntica de *satori*, na qual a aquisição de um novo ponto de vista é real, e portanto verdadeira, e uma pseudo-experiência que pode ser de natureza histórica ou psicótica, na qual o estudante Zen está convencido de haver obtido *satori*, enquanto o mestre Zen tem que demonstrar que ele não obteve. Uma das funções do mestre Zen é, precisamente, estar vigilante em relação à confusão que o seu aluno faz entre a iluminação real e a iluminação imaginária.

O completo despertar para a realidade significa, falando em termos psicológicos, ter alcançado “uma orientação completamente produtiva”. Isso significa não relacionar-se com o mundo de modo receptivo, explorador, acumulativo, ou mercantilista; mas sim criativamente, ativamente (no sentido de Spinoza). No estado de completa produtividade não há véus que separem o eu do “não-eu”. O objeto não é mais um objeto; ele não fica contra mim, mas está comigo. A rosa que eu vejo não é um objeto para o meu pensamento, da maneira pela qual, quando eu digo “vejo uma rosa”, apenas afirmo que o objeto, rosa, cai na categoria “rosa”; mas da maneira em que se diz que “uma rosa é uma rosa é uma rosa”.

O estado de produtividade é ao mesmo tempo o estado da mais alta objetividade. Eu vejo o objeto sem as distorções provocadas pela minha cobiça e pelo meu medo. Vejo-o como ele é, e não como eu quero que ele seja, ou que não seja. Neste modo de percepção não há distorções paratáxicas [*através do uso das palavras*]. Há completa vitalidade, e existe uma síntese de objetividade e subjetividade. *Eu* tenho uma experiência intensa -- e no entanto é permitido ao objeto que ele seja como ele é. Eu trago o objeto à vida, e o objeto me traz à vida. O *satori* parece misterioso apenas para a pessoa que não está consciente de até que ponto a sua percepção do mundo é puramente mental, ou paratáxica. Se o indivíduo estiver consciente disso, ele também perceberá uma consciência diferente, que se pode chamar de consciência completamente realista. O indivíduo pode ter experimentado apenas vislumbres dela: no entanto, ele pode imaginar como ela é. Um garoto pequeno que estuda piano não toca como um grande mestre. No entanto a performance do mestre não é um mistério: trata-se apenas da perfeição da experiência rudimentar que o garoto tem.

O fato de que a percepção não distorcida e não-cerebral da realidade constitui um elemento essencial da experiência Zen é expressado muito claramente em duas histórias Zen. Uma delas conta a conversa de um mestre com um monge:

“Você faz algum esforço para tornar-se disciplinado na verdade?”

“Sim.”

“Como você se exercita nisso?”

“Quanto tenho fome, eu como; quando estou cansado, eu durmo”.

“Isto é o que todo mundo faz; podemos dizer então que todos estão fazendo o mesmo exercício?”

“Não.”

“Por quê?”

“Porque, quando eles comem, eles não comem, mas estão pensando em várias outras coisas, e assim permitindo-se ficar perturbados; quando eles dormem, eles não dormem, mas sonham com mil e uma coisas. É por isso que eles não são como eu.” [2]

A história dificilmente precisa de alguma explicação. O indivíduo comum, levado pela insegurança, pela cobiça, pelo medo, é constantemente imerso em um mundo de fantasias (e nem sempre é consciente disso), no qual ele vê o mundo como se tivesse qualidades que ele projeta sobre o mundo, mas que não estão lá. Isso era um fato quando esta conversa ocorreu; e continua sendo um fato verdadeiro hoje, quando quase todos veem, ouvem, sentem e saboreiam mais com base em seus próprios pensamentos, do que com base naquelas funções dentro de si que são capazes de ver, ouvir, sentir e saborear.

A outra história, igualmente cheia de significado, é a afirmação de um mestre Zen que disse: “Antes que eu alcançasse a iluminação, os rios eram rios e as montanhas eram montanhas. Quando comecei a ficar iluminado, os rios não eram mais rios, e as montanhas não eram montanhas. Agora, desde que estou iluminado, os rios voltaram a ser rios e as montanhas são montanhas.”

Outra vez, temos o novo enfoque da realidade. O indivíduo comum é como o homem na caverna de Platão, que olha só as sombras e pensa que elas são a substância. Quando reconhece este erro, ele sabe apenas que as sombras *não* são a substância. Mas quando se torna um iluminado, ele troca a caverna e a sua escuridão pela luz do dia. Então ele vê a substância e não as sombras. Ele está desperto. Enquanto permanece no escuro, ele não pode entender a luz. (Como diz a Bíblia: “Uma luz brilhou na escuridão e a escuridão não a entendeu.”[3]) Uma vez que está fora da escuridão, ele compreende a diferença entre a sua visão anterior do mundo como sombras, e a sua visão atual do mundo como realidade.

NOTAS:

[1] Do prefácio de Carl Jung para a obra de D.T. Suzuki intitulada “Introduction to Zen Buddhism”, London, Rider, 1949, p. 15.

[2] D.T. Suzuki, “Introduction to Zen Buddhism”, p. 86.

[3] Evangelho segundo João, 1: 5. (Nota do editor de “O Teosofista”.)

O Homem Entre Os Grandes Sáurios

O estudo de “A Doutrina Secreta” nos convida continuamente a questionar muitas das teorias, elevadas à condição de dogmas, da ciência oficial. Entre a Ciência profana e a Ciência Esotérica há vários pontos de contato, mas também muitos pontos de divergência.

Vejamos um desses pontos. A Doutrina Secreta ensina que a história da humanidade se perde na noite dos tempos e que o Homem é muitíssimo mais antigo do que a ciência supõe. Vários são os indícios dessa antiguidade.

As primeiras descrições científicas de dinossauros foram efetuadas durante as décadas iniciais do século XIX, a partir de ossadas descobertas então. Apesar de alguns vestígios terem sido descobertos ainda antes desse período, podemos dizer que a Ciência moderna reconheceu a existência dos grandes sáurios há cerca de 200 anos.

Por outro lado, a teoria científica atualmente predominante coloca esses seres gigantescos como vivendo há milhões de anos atrás (durante o Triássico, Jurássico, etc.) e o homem surgindo apenas há, aproximadamente, um milhão de anos. Acontece que diferentes povos e culturas antigas tinham registro acerca de seres fantásticos e monstros gigantes, como “dragões” ou “serpentes voadoras” e outros seres fantásticos.

Levando em conta este fato, podemos perguntar, como fez Helena Blavatsky:

"Como podiam as nações antigas saber algo a respeito dos monstros extintos dos tempos carboníferos e Mesozóicos, e até representá-los em desenhos e descrevê-los, a não ser que tivessem eles próprios visto esses monstros ou que possuíssem a descrição deles em suas tradições, descrição que implica a existência de testemunhas oculares vivas e inteligentes?"

E ela responde dizendo:

"Devemos ter presente que a maioria dos homens de ciência não admitem que o homem tenha aparecido antes da idade quaternária, e desse modo o excluem quase por completo dos tempos cenozóicos. Aqui temos espécies extintas de animais que desapareceram da face da Terra há milhões de anos e que são conhecidas e descritas por gentes cuja civilização se diz não remontar além de alguns milhares de anos. Como pode ser? Evidentemente, é preciso admitir ou que o período mesozóico interpenetra a era quaternária ou que o homem foi contemporâneo do pterodátilo e do plesiossauro." [1]

Faz parte da Tradição Universal dos Povos o conhecimento de que a Humanidade vive na Terra há muitos milhões de anos e que por isso o Homem viveu entre os grandes monstros (dinossauros e outros seres tidos como fantasia) durante o Cretáceo e o Jurássico. As próprias mitologias dos

diferentes povos falam também de homens gigantes, capazes de lutar e viver entre esses seres já extintos.

NOTA:

[1] "The Secret Doctrine", H.P.B., Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p.206. Na edição de língua portuguesa, "A Doutrina Secreta", H.P.Blavatsky, Pensamento, São Paulo, Vol.III, p.224.

A Lei do Carma e a Fraternidade

A Teosofia ensina que todos fazemos parte da mesma Unidade, da mesma Alma-Superior Universal. Em essência, todos somos indistintos, todos somos Um.

A Alma Cósmica pulverizou-se em miríades de centelhas. A Unidade desdobrou-se numa multiplicidade – a Unidade dá a razão de ser e está presente em todos os números. Aprendemos também que cada centelha dessa Alma Universal, cada alma individual "mergulha" através dos diversos planos vibratórios – desde o mais sutil e elevado ao mais denso – percorrendo, obrigatoriamente, o chamado "Ciclo da Necessidade", sempre sob a regência da Eterna Lei do Carma.

A Lei do Carma é a Lei por excelência – a Lei Suprema – a que nada no Universo Manifestado pode escapar. A Lei do Carma é a Eterna Lei da Harmonia, do (Re)Equilíbrio entre as Causas e os Efeitos.

Todos os seres no Universo têm Carma. Todos os seres, presentes no grande palco da Evolução, "perturbam" através das suas ações a "superfície" desse imenso oceano da prístina Substância Raiz (fundamental). Daí que a Lei do Carma deve, acima de tudo, ser apelidada de Lei do Equilíbrio entre as Causas e os Efeitos ou a Eterna Lei da Harmonia, pois como é ensinado na *Doutrina Secreta*:

"(...) O único decreto do Carma - decreto eterno e imutável - é a Harmonia completa, no Mundo da Matéria, como o é no Mundo do Espírito." [1]

Existem, contudo, vários aspectos desta Lei que devem ser considerados por todo estudante:

"A filosofia oriental ensina que há três tipos de carma. O carma maduro, que estamos colhendo a cada momento nas situações que nos rodeiam, é *Prarabdha*. O carma acumulado, que já plantamos mas ainda não amadureceu e portanto não pode ser colhido, é *Sanchita*. O carma novo, que estamos plantando a cada momento com nossas ações e pensamentos, é *Kriyamana*." [2]

Devemos ainda considerar que existem outros "tipos" de carma, numa intrincada rede de causas e efeitos, de relações entre vários elementos, ou seja: familiar, grupal, comunitário, nacional, de sub-raça, de raça, planetário, e ainda mais além... Não podemos deixar de ter presente, de acordo com o referido há pouco, o Carma de cada um dos vários Reinos da Natureza (elemental, mineral, vegetal, animal, humano, supra-humano...).

Atendendo a estas considerações, somos levados a recordar uma parte importante da Terceira Proposição de “A Doutrina Secreta”:

"A doutrina central da filosofia esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações." [3]

Não existe nenhum Deus nos céus que pune ou que absolve, de acordo com quaisquer critérios arbitrários ou algum tipo de privilégio. O homem é o seu próprio e único legislador. Compreendendo isto, o homem se vê livre de todo e qualquer intermediário com o Divino, pois aquilo que procura e a que deve obedecer encontra-se dentro de si próprio. Na realidade, dentro dele próprio está aquilo que procura, aquilo que ele É, a Centelha Divina, o seu sétimo princípio, ou *Atma*. Afirma H.P. Blavatsky:

"O homem é o seu próprio salvador e o seu próprio destruidor. Ele não precisa acusar o Céu e os Deuses, o Destino e a Providência, de serem os autores da aparente injustiça que impera na Humanidade." [4]

Recordamos, a propósito, as sábias palavras do Senhor Buddha, naquela jóia da literatura espiritual que é “A Luz da Ásia”:

"Oh! Vós que sofreis, sabeis que sofreis por vossa própria culpa. Nenhum outro vos incita ou vos retém para fazer-vos viver e morrer, fazendo-vos girar na roda da vida e abraçar e beijar seus raios de agonia, seu aro de lágrimas e seu cubo de nada!" [5]

O mesmo ensinamento está presente em “A Doutrina Secreta”:

"Não é, portanto, o Carma que pune ou recompensa, mas somos nós mesmos que nos recompensamos ou punimos, segundo trabalhemos com a Natureza, pela Natureza e de acordo com a Natureza, obedecendo-lhe às leis de que depende essa Harmonia, ou transgredindo-as". [6]

Lembrando o pesado carma da humanidade, HPB escreveu:

"Semelhante estado de coisas deve perdurar até que a intuição espiritual do homem esteja completamente desperta, e isto não acontecerá antes que tenhamos conseguido libertar-nos de nossas vestes grosseiras de matéria, antes que principiemos a pautar os nossos atos de acordo com a voz interior, em vez de seguirmos sempre os impulsos externos (...). Até esse momento, os únicos paliativos para os males da vida consistem na união e na harmonia, em uma Fraternidade *in actu* [em atos] e no Altruísmo não apenas de nome. A supressão de uma só causa nociva eliminaria não um, mas numerosos efeitos maléficos. E se uma Fraternidade, ou ainda várias Fraternidades não bastam para impedir para que as nações por vezes se degolem mutuamente, a unidade de pensamento e de ação e as investigações filosóficas sobre os mistérios do ser impediriam sempre algumas pessoas, que se esforçam por compreender o que até então lhes pareciam um enigma, de gerar causas adicionais de infortúnio em um mundo tão cheio de males e de dor." [7]

Um dos objetivos da união fraterna de estudantes de Teosofia e do estudo da literatura teosófica original é, exatamente, o de aprender a diminuir as causas que provocam infortúnios e semear causas que frutifiquem em efeitos benéficos para todos os seres.

NOTAS:

[1] “A Doutrina Secreta”, H.P.Blavatsky, Pensamento, São Paulo, Vol.II, p.355.

[2] Ver o texto “Para Começar Bem o Ano Novo”, no website www.filosofiaesoterica.com. Uma maneira de encontrar o texto é: 1) Lista de Textos por Autor; 2) Clicar em “Carlos Cardoso Aveline”; 3) Clicar em “Para Começar Bem o Ano Novo”.

[3] “A Doutrina Secreta”, Obra citada, Vol.I, p.84.

[4] Obra citada, m Vol.II, p.356.

[5] “A Luz da Ásia”, Sir Edwin Arnold, Ed. Pensamento, São Paulo, p.178 e 179.

[6] Obra citada, Vol.II, p.355.

[7] Obra citada, Vol.II, p.356.

Como a Igreja Perseguiu Povos Pagãos

A história ocidental dos últimos dois mil anos se entrelaça à história da religião cristã. Uma instituição eclesiástica poderosa se formou a partir do complexo e multifacetado fenômeno cristão, que foi então adaptado para servir a ideais bastante humanos de expansão territorial e dominação material.

Pode-se detectar, no rastro da história das populações humanas no ocidente, tanto o real motivo para levar o cristianismo a povos *bárbaros*, como as reações destes povos às invasões cristãs. A igreja católica, como instituição, sempre atuou com interesses de poder e riqueza temporais, embora justificasse suas ações com o argumento de salvar almas para o "Reino do Senhor". As almas que não fossem convertidas à religião de Jesus Cristo não tinham acesso ao céu cristão no pós-morte e ficavam condenadas, na melhor das hipóteses, a vagar por um lugar chamado *Limbo*, por toda a eternidade. É uma boa desculpa para que fosse considerado lícito, ao longo da história, invadir, matar, saquear e submeter populações ao jugo de nações cristãs, abençoadas pela igreja, que recebia boa parte das riquezas. Uma história bastante humana, como se vê.

Os não-cristãos eram – e são ainda hoje – chamados de pagãos na crença católica. Se um bebê morrer antes de ser batizado, será pagão, perdendo direito ao Céu. Mas quem eram os pagãos originais? Por que se formou esse terrível conceito de exclusão? HPB esclarece, citando os estudos de eminente autor de sua época:

"O termo 'Paganismo' é usado em seu sentido próprio com hesitação por muitos autores modernos. O professor Alexander Wilder, em sua edição de '*Symbolical Language of Ancient Art and Mithology*', de Payne Knight, diz: 'Ele (o paganismo) degenerou em gíria, e é em geral empregado com um significado mais ou menos pejorativo. A expressão mais correta seria 'os cultos étnicos antigos', mas isso dificilmente seria entendido no seu sentido verdadeiro, e concordamos em adotar o termo de uso popular, mas não de forma desrespeitosa. Uma religião que pôde desenvolver um Platão, um Epicteto e um Anaxágoras não é grosseira, superficial ou

totalmente não merecedora de justa atenção. Além do mais, muitos dos ritos e doutrinas incluídos na instituição cristã, assim como na judaica, apareceram primeiramente nos outros sistemas. O zoroastrismo antecipou muito mais do que se imagina. A cruz, as vestes e símbolos sacerdotais, os sacramentos, o *Sabbath*, os festivais e aniversários, todos antecederam em milênios a era Cristã. O culto antigo, depois de ter sido expulso dos seus santuários originais, e das áreas metropolitanas, foi mantido durante muito tempo pelos habitantes de localidades humildes. A esse fato deve-se sua última designação. Por ser mantido nos *Pagi*, ou distritos rurais, seus seguidores eram denominados *pagãos*, ou provincianos.'" [1]

Esta é a origem da tão temida condição de *pagão*. Os adoradores das antigas religiões, habitantes de localidades remotas, eram também um elo de ligação entre os ritos instituídos pelo cristianismo e suas fontes originais: os elementos da verdade oculta presente nas religiões arcaicas. A igreja, além de reprimir o culto, ameaçava com a punição eterna, fazendo com que – pelo menos aparentemente – elementos da verdade ocultos nas religiões de mistérios se recolhessem cada vez mais para uma condição esotérica. Deste "limbo" de quase dois mil anos surge, na atualidade, o resgate destas verdades, trazidas de forma coerente, sistematizada e acessível, na obra do movimento teosófico moderno.

NOTA:

[1] *Isis Unveiled, Volume II*, p 179 nota de rodapé, The Theosophy Company, Los Angeles, 1982 e *Isis Sem Véu*, Volume III, p. 186, nota 22, Editora Pensamento, São Paulo, 2008.

Valor do Novo Testamento é Simbólico

Faltam evidências históricas que corroborem as narrativas do Novo Testamento, embora exista quase sempre um evento histórico por trás do que é contado em linguagem alegórica. A narração mistura mito e realidade em uma época da história na qual acontecimentos incomuns já eram registrados, especialmente em locais submetidos à jurisdição romana, como no caso do Oriente Médio naquele período. É importante ter em mente que os evangelhos começaram a ser escritos décadas depois do suposto período de vida de Jesus, e que as escrituras foram oficializadas por consenso entre as correntes cristãs dominantes apenas no quarto século da era atual. HPB demonstra, em uma passagem evangélica, como fato e alegoria foram mesclados, contribuindo para a mitificação da vida de Jesus:

"A aparente discrepância dos quatro evangelhos como um todo não impede que cada narrativa feita no *Novo Testamento* – embora muito desfigurada – tenha um fundo de verdade. A este, detalhes foram arditosamente acrescentados para servir às exigências posteriores da igreja. Assim, parcialmente amparados por evidências indiretas, e mais ainda pela fé cega, eles se tornaram, com o tempo, artigos de fé. Mesmo o fictício massacre dos "Inocentes" pelo rei Herodes tem uma certa fundamentação, no seu sentido alegórico. À parte do fato recém-descoberto de que toda a história do massacre de Inocentes é parcialmente retirada do *Bhagavad Gita* hindu e das tradições bramânicas, a lenda se refere, além disso, alegoricamente, a um fato histórico.(...)" [1]

A lenda hindu mostra um rei amedrontado pela profecia de que seria deposto por um menino que

acabara de nascer, e ordenando que todos os recém-nascidos fossem mortos para ter certeza de haver liquidado o futuro oponente [2]. Na história bíblica, há a ida de José e Maria para o Egito, levando o menino Jesus para longe da fúria assassina do rei Herodes. Mas HPB mostra o provável fato que embasou historicamente essa passagem:

"Embora essa lenda hindu antiga guarde uma semelhança muito suspeita com o mais moderno romance bíblico, Gaffarel e outros atribuem a origem deste às perseguições, durante o reinado de Herodes, aos cabalistas e aos *Homens Sábios*, que não haviam permanecido estritamente ortodoxos. Estes, assim como os profetas, eram apelidados de "Inocentes", e "Bebês", devido à sua santidade. Como no caso de certos graus na maçonaria, os adeptos contavam seu grau de iniciação por uma *idade simbólica*. (....) [3]

HPB prossegue, fundamentando seu ponto de vista:

"Se a explicação dos cabalistas for rejeitada, então todo o assunto fica confuso; pior ainda - porque torna-se um plágio direto da lenda hindu. Todos os comentaristas têm concordado que um massacre literal de crianças pequenas não é mencionado em nenhum local da história; e que, além do mais, uma ocorrência como essa teria deixado uma página tão sangrenta nos anais da história romana que o seu registro teria sido preservado para nós por cada autor daquela época. Herodes era ele mesmo subordinado à lei romana, e sem dúvida teria pago com sua própria vida por tão monstruoso crime. Mas se, por um lado, não temos o mais leve traço desta fábula na história, por outro encontramos nas reclamações oficiais da Sinagoga evidência abundante das perseguições aos iniciados. O *Talmude* também corrobora isso." [4]

Esse exemplo mostra como não se deve ter uma atitude integralmente crédula nem cética na leitura das escrituras das diversas religiões. Ao realizar uma busca histórica das escrituras, o estudante deve preservar dentro de si o sentido do sagrado, para não perder a compreensão do que está em grande parte oculto nas palavras e linhas que chegaram até o presente. Como é dito no Novo Testamento, a letra morta mata, mas o espírito vivifica. É mantendo a conexão com este espírito vivificador que pode-se ler as escrituras sem ficar confuso devido às muitas adulterações que foram introduzidas para dar sustentação aos grupos de poder que formaram as diversas instituições religiosas. É um desafio grande, pois exige esforço da mente e perseverança no sentimento de lealdade à Verdade e à Lei Universal.

Nesse cenário destaca-se a obra *Ísis Sem Véu*, a qual, através do fenomenal esforço de Helena Blavatsky, reúne uma quantidade imensa de evidências e conexões que mostram, com clareza, os métodos que distorceram a mensagem originalmente simples e libertadora do cristianismo original. Este se encontra em harmonia com a teosofia, com o neoplatonismo, e com o budismo, a cujos fundamentos a genuína doutrina cristã se associa.

NOTAS:

[1] *Isis Unveiled, Volume II*, p 199 , The Theosophy Company, Los Angeles, 1982 e *Isis Sem Véu*, Volume III, p 176 , Editora Pensamento, São Paulo, 2008.

[2] Obras e páginas acima citadas.

[3] Obras e páginas acima citadas.

[4] *Isis Unveiled, Volume II*, p 200 , The Theosophy Company, Los Angeles, 1982 e *Isis Sem Véu*, Volume III, p 177 , Editora Pensamento, São Paulo, 2008.

O Site www.filosofiaesoterica.com Organiza Curso:
Introdução à Prática da Filosofia Esotérica

O site www.filosofiaesoterica.com está organizando um **Curso de Introdução à Prática da Filosofia Esotérica**. O curso será online, com lições semanais, e as inscrições são gratuitas. A atividade ocorrerá entre novembro e dezembro de 2009. Os estudantes deverão conhecer alguns conceitos básicos da filosofia teosófica, ou fazer um esforço para estudá-los a partir da inscrição. **Para obter mais informações**, interessados devem escrever a lutbr@terra.com.br.

000

A Nota-Chave do Oceano Cósmico

Uma Onda Sutil em Meio ao Burburinho do Mundo

Observando o firmamento estrelado numa noite escura, não podemos deixar de sentir a nossa pequenez diante de cenário tão grandioso e de um indecifrável mistério que nos assalta a consciência. Que poder sustém o Universo? O que é aquilo que nos dá a vida e o ser? De onde viemos? O que fazemos aqui? Para onde vamos? Afinal o que somos nós neste grande Oceano Cósmico? Estaremos sós?

Estas são perguntas que nos assaltam em momentos de recolhimento e contemplação da prodigiosa Beleza que nos rodeia.

Vivemos numa sociedade (que ajudamos a construir) que nos incute a crença de que a felicidade pode ser alcançada através da satisfação dos desejos, que nos quer fazer acreditar que tendo cada vez mais bens materiais, posição social e sucesso profissional, poderemos obter finalmente a paz desejada.

A realidade desmente todo esse gigantesco esquema de manipulação coletiva. Não só não temos paz como continuamente geramos novas causas de infortúnio, que se somam a tantas outras que já nos atingem. Pior ainda, temos tornado a vida no planeta um autêntico inferno, em que milhões de seres humanos vivem na maior das misérias e sofrimento.

A maquiagem social não chega a esconder a enorme infelicidade que corrompe os corações dos homens. Nos momentos de solidão, quando já ninguém está por perto, naquele encontro com nós próprios, na contemplação das coisas simples, chegamos sempre à conclusão que nada disto vale a pena. Não é isto que queremos.

Uma ânsia infinita não se satisfaz com coisas finitas. Apesar de tudo, quando fechamos os sentidos às coisas externas e voltamos a atenção para o silêncio interior, pressentimos, de alguma maneira, a presença desse Inefável e Incompreensível Poder que a tudo deu origem.

Teimamos em esquecer, mas as mesmas perguntas de sempre ressurgem em nossa mente: "Quem somos?", "De onde viemos?", "Para onde vamos?"...

Uns dizem que ninguém sabe.

Outros dizem-nos que não devemos sequer perguntar. Outros ainda dizem-nos que sabem alguma coisa, mas logo que tratamos de ouvi-los chegamos à conclusão que as nossas dúvidas mais profundas, as questões verdadeiramente essenciais, permanecem sem respostas.

Mas eis que alguém nos diz:

"Calma amigo, há quem saiba. Há quem tenha dedicado toda a sua vida a procurar as respostas. Há quem afirme que tu e eu também podemos aprender e saber, e sabendo teremos força, tranquilidade e coragem para olharmos de frente os mistérios da Vida e do Universo."

Há uma nota que ecoa por entre o burburinho do mundo. É uma nota tênue, quase inaudível, mas firme e constante. Nem todos ouvem, atarefados que estão com as suas ocupações imaginárias.

Mas aqui e ali, mais alguns vão despertando, dirigindo a sua atenção para a nota primeira de uma canção há muito esquecida. Uma canção que fala de tempos longínquos, de outras eras, quando a humanidade ainda era uma criança, de seres sublimes que nos trouxeram um pouco do Eterno Amor-Sabedoria que a tudo dirige, de sacrifícios e vidas inteiras dedicadas a perscrutar os arcanos da natureza.

E vem alguém que afirma:

"A Doutrina Secreta é a Sabedoria acumulada dos séculos, e a sua cosmogonia, por si só, é o mais prodigioso e acabado dos sistemas (...). Mas tal é o poder misterioso do simbolismo que fatos que ocuparam a atenção de gerações inumeráveis de videntes e profetas iniciados, para os coordenar, classificar e explicar, durante as assombrosas séries do progresso evolutivo, estão todos registrados em, algumas poucas páginas de signos geométricos e de símbolos. A visão cintilante daqueles Iniciados foi até ao próprio âmago da matéria, descobriu e perscrutou a alma das coisas, ali onde um observador comum e profano, por mais arguto que fosse, não teria percebido senão a tessitura externa da forma. Mas a ciência hodierna não crê na "alma das coisas", e por isso repugnará todo o sistema da cosmogonia antiga. É inútil dizer que tal sistema não é fruto da imaginação ou fantasia de um ou mais indivíduos isolados; que se constitui dos anais ininterruptos de milhares de gerações de videntes [1], cujas experiências cuidadosas têm concorrido para verificar e comprovar as tradições, transmitidas oralmente de uma a outra raça primitiva, acerca dos ensinamentos de seres superiores e excelsos que velaram sobre a infância da Humanidade." [2]

